



WALCYR CARRASCO

Pequenos delitos e
outras crônicas

Leitor crítico – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



WALCYR CARRASCO

Pequenos delitos e outras crônicas

Leitor crítico – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Walcyr Carrasco nasceu em 1951 em Bernardino de Campos, SP. Escritor, cronista, dramaturgo e roteirista, com diversos trabalhos premiados, formou-se na Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. Por muitos anos trabalhou como jornalista nos maiores veículos de comunicação de São Paulo, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira de escritor na revista *Recreio*. Desde então, escreveu diversas novelas, peças de teatro e publicou mais de trinta livros infantojuvenis, tendo recebido por suas obras muitos prêmios ao longo da carreira.

É cronista de revistas semanais e membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.

RESENHA

Pequenos delitos e outras crônicas reúne algumas das crônicas publicadas quinzenalmente por Walcyr Carrasco na revista *Veja São Paulo*. A seleção é uma amostra abrangente do autor que, além de cronista, também escreve telenovelas. Os temas das crônicas são os mais variados, indo das memórias de infância do autor até a moda, os animais de estimação, as transformações de relações de gênero no mundo contemporâneo, a busca por um corpo em forma. Suas narrativas evocam pequenos embaraços de seu cotidiano: os amigos que insistem em pedir-lhe que traga os mais diversos artefatos e cosméticos dos Estados Unidos, os desencontros entre pedestres e motoristas, os pequenos sacrifícios que se faz para

manter a forma, os clientes que secretamente provam quitutes no supermercado... Episódios risíveis, quase sempre porque a necessidade de agradar e impressionar os outros é maior do que qualquer bom senso.

As crônicas de Walcyr Carrasco parecem se adequar bastante bem à liberdade formal oferecida pelo gênero – linguagem coloquial e direta, em tom de bate-papo; relatos de situações da vida cotidiana. Entre frases repletas de pontos de exclamação, o autor discorre sobre seu espanto diante dos exageros da vida contemporânea, na maior parte das vezes, com bom humor. Muito embora não esconda a dificuldade que tem em compreender alguns anseios dos novos tempos e, por vezes, se mostre nostálgico ao lembrar-se dos tempos em que era possível saborear uma lasanha sem culpa e as mulheres orgulhavam-se de ser boas cozinheiras. Procura adaptar-se aos hábitos contemporâneos, porém defendendo e tentando preservar uma cortesia e uma ética que acredita terem de certa forma se perdido. Avesso a qualquer tipo de radicalismo, Walcyr Carrasco parece defender, sobretudo, a moderação: a vida no campo pode parecer encantadora enquanto se está de férias, mas o conforto da cidade lhe parece insubstituível; a honestidade em excesso lhe pareceria pouco vantajosa: algum engano e autoengano são necessários para que o prazer do consumo continue a existir. A julgar por essas crônicas, viver no mundo contemporâneo é tentar manter o equilíbrio em meio a tendências contraditórias, de preferência mantendo o bom humor, com o cuidado de não ferir a vaidade alheia.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: crônicas.

Palavras-chave: contemporaneidade, gênero, individualismo, solidariedade, modismo, consumismo, falta de privacidade.

Área envolvida: Língua Portuguesa.

Tema transversal: Ética.

Público-alvo: Leitor crítico (7º e 8º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Faça com os alunos um levantamento daquilo que já sabem a respeito do gênero “crônica”. Como identificá-lo? Quais suas principais características? Quais os temas mais frequentes?
2. Proponha, a seguir, que façam uma pesquisa mais detalhada a respeito do gênero, de modo a ampliar as informações levantadas ou corrigir algum equívoco. Como surgiu a crônica? Como ela se modificou através dos tempos? Quais são os diferentes tipos de crônica? Quais são os principais cronistas da literatura brasileira?
3. Peça aos alunos que pesquisem em revistas e jornais e selecionem algumas crônicas publicadas naquela semana para ler com a classe. Que tipos diferentes de crônica podem ser identificados nessa pequena amostra? Qual é a diferença entre uma crônica e um artigo?
4. Leia com os alunos a apresentação de Douglas Tufano, que nos introduz aos temas e ao estilo do autor e explica que as crônicas reunidas na obra foram originalmente publicadas na revista *Veja São Paulo*. Pergunte se algum deles já havia lido algumas dessas crônicas na revista.
5. Leia com os estudantes a seção *Entrevista com Walcyr Carrasco*, em que o autor revela um pouco de sua visão do mundo, seu processo de criação, seus hábitos e sua decisão de tornar-se escritor.
6. No sumário do livro, logo abaixo dos títulos das crônicas, encontra-se uma frase significativa de cada texto. Proponha aos alunos que leiam o sumário, escolham uma frase que considerem particularmente significativa e produzam uma crônica a partir dela, antes de ler a de Walcyr Carrasco.

Durante a leitura

1. Como essa é uma coletânea de textos independentes entre si, as crônicas não precisam necessariamente ser lidas na ordem em que se encontram dispostas na publicação. Deixe que os alunos façam uso do sumário para ler, em primeiro lugar, as que lhes despertaram maior interesse. Provavelmente, desejarão conhecer a crônica de

onde foi extraída a frase que serviu de inspiração para a elaboração de sua crônica.

2. Deixe que comparem a crônica que escreveram com aquela escrita por Walcyr Carrasco. De que maneira cada aluno escolheu discorrer sobre o tema? Quais as principais diferenças entre o seu ponto de vista e o de Walcyr?

3. Considerando as peculiaridades do gênero “crônica”, proponha aos alunos que procurem notar quais delas podem ser observadas mais claramente nos textos da coletânea. Quais são os temas mais recorrentes? Que tipo de crônica o autor escreve com maior frequência?

4. Muitas das crônicas do livro discorrem a respeito de situações recorrentes do cotidiano. Quais delas parecem familiares aos alunos? De que maneira o autor consegue propor um olhar crítico para aquilo que parece banal?

Depois da leitura

1. Esse livro não é dividido em capítulos ou seções: as crônicas aparecem uma após a outra, sem um critério evidente. Se os alunos tivessem de organizar esse livro em seções, de que maneira agrupariam os textos? Por semelhanças temáticas? Que grandes temas poderiam ajudar a organizar essa obra em partes distintas? Divida a turma em pequenos grupos e peça que cada um faça uma proposta de organização para o livro, criando um novo sumário, em que as crônicas sejam agrupadas de acordo com critérios escolhidos por eles.

2. Na crônica *Pequenos delitos*, Walcyr Carrasco comenta sua surpresa ao observar o comportamento curioso de um senhor que prova diversos quitutes enquanto passeia no supermercado. Quais dos alunos já cometeram pequenos delitos, ou presenciaram pequenos delitos cometidos pelos outros? Qual é a sua opinião a respeito?

3. Na crônica *A raça superior*, Walcyr Carrasco explica por que acredita que os cães, em muitos aspectos, podem ser considerados superiores aos homens. Leia com seus alunos o conto *Investigações de um cão*, de Franz Kafka, narrativa em primeira pessoa que desvela as reflexões filosóficas e metafísicas de um cão solitário.

4. Chame a atenção para a crônica *Eu, cidadão*: trata-se do único texto em que a primeira pessoa

não remete à figura do autor. Trata-se na verdade de um texto hiperbólico, escrito do ponto de vista de um personagem obstinado em economizar energia, que acaba por se tornar antipático para seus amigos e vizinhos. Embora Walcyr Carrasco trate o tema com ironia, a necessidade de economizar água e luz se intensificou nos últimos tempos. Proponha aos alunos que realizem uma pesquisa a respeito do tema da falta de água em diferentes regiões do Brasil.

5. As crônicas *O automóvel*, *Adeus ao fogão* e *O mestre da faxina* colocam questões que nos fazem pensar nos estereótipos, tarefas e habilidades tradicionalmente atribuídas aos gêneros masculino e feminino. Embora o autor confesse sua total falta de habilidade para fazer faxina e se mostre por vezes nostálgico de um tempo em que as mulheres sabiam cozinhar bem, as conquistas feministas permitiram que as mulheres pudessem votar, dirigir, trabalhar fora e não precisassem se restringir às tarefas domésticas. Compartilhe com a turma os pictogramas da *designer* chinesa Yang Liu, que procuram se referir de modo irônico aos estereótipos de gênero, disponível em: <<http://mslove.co/estereotipos-generos-critica-dos-pictogramas/>>.

6. Um dos temas mais recorrentes nas crônicas é o da obsessão de homens e mulheres por manter a forma. Converse a respeito dos padrões de beleza vigentes hoje, comentando por que eles podem ser considerados relativos. Mostre à turma, por exemplo, reproduções de quadros de artistas barrocos como Rubens ou Ticiano: o ideal de beleza desses pintores estava muito distante das modelos magérrimas do nosso tempo.

7. Leia com seus alunos a divertida crônica de um dos maiores escritores brasileiros – Machado de Assis – em que propõe regras para regular o comportamento dos passageiros nos bondes, disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonded.htm>>. Em diversas crônicas, Walcyr Carrasco sugere que devem ser criadas novas regras de comportamento para o mundo contemporâneo... Proponha aos alunos que escrevam, assim como Machado de Assis, uma crônica que sugira um conjunto de leis que regulem as práticas do mundo contemporâneo, sem deixar de lado a ironia e o bom humor próprios aos cronistas. Quanto

ao campo aos quais as leis se aplicam, os alunos podem optar por: 1. uso de telefones celulares, 2. conduta dentro de elevadores, 3. regras para frequentadores de metrô.

DICAS DE LEITURA

► Do mesmo autor

Anjo de quatro patas. São Paulo: Moderna.

Histórias para a sala de aula. São Paulo: Moderna.

Estrelas tortas. São Paulo: Moderna.

Para gostar de ler, v. 20 – Golpe do aniversariante e outras crônicas. São Paulo: Ática.

Em busca de um sonho. São Paulo: Moderna.

► Sobre o mesmo gênero

De Machado de Assis a Lourenço Diaféria – Antologia da crônica brasileira, Org. Douglas Tufano. São Paulo: Moderna.

Para gostar de ler, v. 1 – Crônicas 1, de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga e Paulo Mendes Campos. São Paulo: Ática.

Para gostar de ler, v. 15 – A cadeira do dentista e outras crônicas, de Carlos Eduardo Novaes. São Paulo: Ática.

Para gostar de ler, v. 18 – Um país chamado infância, de Moacyr Scliar. São Paulo: Ática.

Para gostar de ler, v. 6 – Crônicas, de Carlos Eduardo Novaes, José Carlos Oliveira, Lourenço Diaféria e Luis Fernando Verissimo. São Paulo: Ática.